

Senado, a mais cara das eleições da História

Pobre e atrasado, o Rio Grande do Norte deterá este ano um recorde constrangedor: terá a campanha mais milionária desta disputa eleitoral, se levada em consideração sua pequena extensão territorial. Só os defensores da candidatura do senador Jessé Freire (Arena) terão gasto 20 milhões de cruzeiros na luta pela sua reeleição. Seu adversário Radir Pereira, do MDB, gastará um pouco menos: 15 milhões.

O alto custo da campanha, contudo, não é um "privilégio" do Rio Grande do Norte: em todos os Estados, os candidatos ao Senado são unânimes em dizer que esta é a eleição mais cara da história brasileira, e também a mais estafante. Sem acesso ao rádio e à TV, os candidatos lançaram-se em desesperada corrida em busca de votos, e muitas vezes estimam suas possibilidades eleitorais com base no número de quilômetros rodados. José Lins de Albuquerque, que concorre pela Arena do Ceará, percorreu 100 mil quilômetros, voou 300 horas e, segundo observadores, gastou 30 milhões de cruzeiros. Mais difícil para ele, contudo, foi ter que aprender a fumar, dançar e tomar pinga. Empenhado na sua campanha, o futuro governador Virgílio Távora confessa que não suporta mais paçoca e galinha ao molho pardo, mas garante que está disposto a comer "até pedras" até o dia 15.

No Amazonas, os candidatos arenistas dispuseram de velozes lanchas para se deslocarem, enquanto os emedebistas moviam-se a bordo de lerdos barcos e Fábio Lucena, da oposição, alimentou-se em média apenas uma vez por dia. No Sul, os candidatos acostumaram-se a dormir no banco traseiro dos seus automóveis e muitos já admitem: estão à beira da exaustão completa.